

“Lux et Umbra” – CD de Frederic Cardoso

Crítica por Nuno Jacinto

Sete sombras do Presente, sete janelas de luz do Futuro. Assim almeja ser “**Lux et Umbra**” (Artway Records), o último trabalho discográfico lançado ainda no final de ano de 2021 pelo clarinetista **Frederic Cardoso**, um dos mais brilhantes valores da nova geração de instrumentistas do Norte do país, onde o Clarinete é rei e senhor. Já com um currículo impressionante de mais uma de uma centena de obras a si estreadas e dedicadas, Frederic Cardoso assume para si o fardo de ser o fundador e ao mesmo tempo, promotor de todo um acervo de obras representativas das sucessivas vagas de jovens compositores que este país tem conseguido formar com qualidade e ensejo, apesar do seu já secular hábito de não os apoiar devidamente numa carreira digna e duradoura. Esta escolha de um nicho de repertório será suficiente para construir um trabalho discográfico substantivo?

Duas peças destacam-se neste trabalho discográfico, pelo uso da voz como personagem musical (imaginária ou real) sugerindo nestas criações, um entrosamento camerístico de especial fulgência entre o clarinete baixo – instrumento favorito deste disco, pelo distinto virtuosismo que Frederic Cardoso apresenta neste instrumento – e a electrónica. A primeira peça, “**Limen**” de **Rúben Borges** provoca-nos logo de início, uma audição dobrada e ampliada em dois universos sonoros distintos: por um lado, a electrónica reverberante e húmida nos sussurra, nos fala indistintamente e nos afunila numa paisagem sonora vocal, urbana e distante; e por outro lado, o clarinete baixo aqui flutua, respira e assinala a sua presença gradualmente fixa e sonora. Embora estes dois universos coexistam, nunca parecem tocar-se verdadeiramente, numa audição oblíqua. É neste limiar (“limen” em latim?) formal que nos sentimos caminhando, num deambular bastante previsível entre secções de electrónica e secções de acústicas. Frederic Cardoso destaca-se aqui com uma límpida execução de multifónicos no clímax da peça, que nos faz ansiar pelo que encontraremos mais adiante neste disco. A segunda peça “vocal”, “**Pranto**” de **Carlo Brito Dias** é em contraposição, uma imersão permanente e profunda de diferentes intervenientes. Num ambiente discursivo eminentemente poético e sensitivo, a electrónica narra-nos um poema da autoria do compositor, fornecendo o fio condutor de toda a peça. O “pranto” está, no entanto, verdadeiramente retratado na voz da Ana Santos, que não só entoa as emoções de dor e a fragilidade humanas patentes em toda a peça, como estabelece por fim, um diálogo com uma voz imaginária, num final tocante. Ao Clarinete baixo é dado um papel subserviente, exceptuando no zentih desta peça: um momento particularmente emotivo e magistralmente bem conseguido, onde o clarinete recorta uma linha melódica de pendor cerimonial e arcaico, de apelo a um passado irrepitível e a voz nos confessa: “*Porque neste pranto, /sério e franco, /contrario esta luta inglória/ uma lenga-lenga das estórias, /e luto, com o luto a trair*”. O apelo à emoção - uma das premissas mais recusadas pela música contemporânea de grande parte do século passado - neste novo século já com duas décadas, está viva, saudável e aparentemente imparável. A obra “Pranto” junta-se assim, a um importante repertório contemporâneo de renovação do pathos musical.

A única obra inteiramente acústica situa-se precisamente a meio caminho deste disco, **“Éclipse” de Bernardo Lima**. Escrita para o instrumento mais curto da família do Clarinete, a Requinta – outro dado único – é uma peça fulminante, um raio de luz incisivo numa parede sem reverberações, com apenas rugosidades analógicas. E que clarão: num início fragmentado e brincalhão, Frederic Cardoso demonstra desde logo, a sua perícia em dominar um instrumento, que à parte de algum uso em orquestra de sopros ou sinfónica, é demasiadas vezes relegado à penumbra de uma noite parda. Mas há salvação, com este “eclipse” gradualmente luzidio: a combinação de motivos alternadamente contrastantes, conduz-nos com insistência a notas mais longas e frases mais constantes. Mas a acalmia é apenas aparente: logo, a Requinta nos propõe um eclipse total, onde a coroa solar resultante se traduz em rápidos motivos descendentes no registo extremo agudo do instrumento. Por fim, o sucinto epílogo nos recorda - como num acontecimento lunar – que a peça está nos seus últimos momentos e que tudo se resume à memória e à recapitulação dos motivos iniciais.

Outro dado único deste disco está no facto curioso de atribuir apenas uma obra ao mais destacado instrumento da família do Clarinete, o próprio patriarca. Esta distinção está na obra **“Stereochromatic” de João F. Ferreira**. Numa obra de quente infusão da electrónica com o clarinete, o compositor propõe-nos uma electrónica estruturalmente tripartida, onde a primeira e terceira secções são claramente espelhos (em estéreo) uma da outra e uma nota bordão grave assinala essa simetria. Perante isto, o clarinete de Frederic Cardoso será um verdadeiro malabarista e contra-peso destas secções: na secção inicial de harmonia claramente em tons inteiros, o clarinete incute desde o primeiro momento a uma expectativa de crescendo, de empolgação, que se vai realizar no atingir do registo agudo do clarinete e num pulsar rítmico da electrónica. Eis que aparece o primeiro bordão grave na electrónica e nos conduz à secção central: a luminária aplicação de ruído branco, numa cascata sonora impulsionadora de uma gradual ambiência harmónica, desemboca numa cachoeira onde o clarinete trina o seu canto em pequenos glissandos descendentes. O canto é desfeito e prolongado, até que um ostinato de cinco tons na electrónica provoca o clarinete num discurso balbuciante, incomodado e exasperado. O murmúrio do clarinete prolonga-se em trilo até que o segundo bordão na electrónica se faz ouvir: os multifónicos aparecem, pequenas frases de inconformismo ainda persistem, caminhando em retrogradação para o fim da peça.

Retomando o clarinete baixo, duas peças destacam-se na sóbria exploração da electrónica como ampliação do instrumento: ou como imagem negativa e subtratora, ou como imagem reflectora e multiplicadora. Na primeira exploração encontramos **“Sobre o contorno” de Rodrigo Cardoso**. Esta peça é de uma subtilidade desconcertante e nada temerária do aparente silêncio, do aparente negativo do som. Originalmente criada para ter componente vídeo – uma dimensão que nos proporcionaria, indubitavelmente, uma percepção bem diferente – aqui, só podemos tactear o som. E para nos orientarmos, fixamo-nos no exímio clarinete baixo de Frederic Cardoso como nosso foco de luz, como nossa certeza de percurso. Caminhamos, tacteamos em gradual tropeçar, numa electrónica que responde por impulso e que é gradualmente mais assertiva e em constante contorno da nossa audição. Tudo se provoca, mas nada conseguimos vislumbrar, apenas imaginar. Na segunda exploração, encontramos **“Texturas de Sombra” de Luís Neto da Costa**. Numa soberba utilização da electrónica como ampliação acústica do clarinete baixo, é na multiplicação imagética dos sons da parte do instrumento que se encontra as sombras assustadoramente persecutórias. O ambiente é de tensão, de malignidade, de perversidade. E é aí que está o seu encanto: num *doppelganger* musical, dois intervenientes musicais distintos tornam-se terrivelmente similares, lutam e fogem entre si para não atingir um estado sobrenatural. Mesmo assim transformam-se numa adulteração instrumental, num cataclismo de sombras

ampliadas e distorcidas que por fim, são fundidas num super-entidade aberrante. O percurso é fantasioso e assustador, mas o resultado é real e sedutor.

Por fim, temos a última peça deste disco, homónima do disco. **“Lux et Umbra II” de André Rodrigues** tem a pretensão de ser maior que o mundo, pois nela parece que se move todos os séculos da humanidade, a resplandecência de um tempo que se encontra longinquamente, numa etérea Idade Média evocada num ambiente ritualesco, cerimonial e de esplendor. Esta sensação de asoberbamento é sentida logo de início com uma electrónica retumbante e rica, onde o clarinete baixo se alicerça momentaneamente. A utilização de melodias gregorianas a partir de metade da peça, dá-nos essa sensação de sonho antigo, de secreto vislumbre de tempos imemoriais e onde Frederic Cardoso reproduz em cânone cada intervenção coral, numa procissão lenta e impassível. A partir daqui o clarinete vai recusando o sonho em favor da clarividência, até o momento final.

Para o público melómano e atento ao panorama da nova música, este trabalho é um belo acervo de frescas e novas luminescências encandeantes, principalmente por ser uma amostra extraordinária e substantiva de tendências estilísticas da música actual, música essa, hoje tão dispersa e sem bússola que deambula invariavelmente entre a sedução das técnicas estendidas instrumentais, à partitura obsessivamente hieroglífica, como à liberdade (aparente) da improvisação modeladora de uma obra sempre em construção, sempre em progresso (“work in progress”). Navegar nestas águas com ventos cruzados, é tão perigoso ao gosto musical comum e enviesadamente tradicionalista, que mais que justifica este trabalho discográfico de Frederic Cardoso.

Porém, parece mais correcto afirmar que esta selecção estrita de peças - que Frederic Cardoso impulsionou e executou de modo magistral - seja ainda mais atraente para o público menos habituado: são ricas e diversas, as propostas musicais do disco e a família dos Clarinetes irradiam aqui num espectro bem mais amplo que o seu próprio âmbito acústico, fazendo da electrónica não só o acompanhamento ambiental da parte do instrumento, como em alguns casos bem conseguidos, provocar uma verdadeira simbiose discursiva. A omnipresença da electrónica é um sinal dos tempos (de moda?) onde a música actual não parece querer sobreviver sem o uso das ferramentas tecnológicas, embora muitas delas acabem por esbarrar, inevitavelmente, no obsoletismo técnico e operacional. Todavia, a multiplicidade de criação e exploração de novos timbres e texturas – como está bem patente nas obras presentes neste disco – conquistam a atenção e levam o nosso ouvido a perscrutar mundos paralelos de audição e fruição musicais. Deixemo-nos levar!

Publicado na Revista Da CAPO (online) a Fevereiro de 2022